

The background of the entire page is a dense, textured pattern of small, circular, slightly raised shapes. These shapes are colored in two main tones: a vibrant red and a muted, earthy green. The colors are intermingled, creating a complex, organic-looking texture that resembles a microscopic view of cells or a close-up of a natural material like wood or stone.

Art Photo

M A G A Z I N E

MOSTRA CARIOCA

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura abriga, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, a “Mostra Carioca: a impureza como mito”, que reúne cerca de 50 obras de artistas que têm o Rio de Janeiro como inspiração de seus trabalhos, em obras pertencentes às coleções do MAM Rio, incluindo as coleções de Gilberto Chateaubriand e Joaquim Paiva, que estão no Museu carioca em regime de comodato.

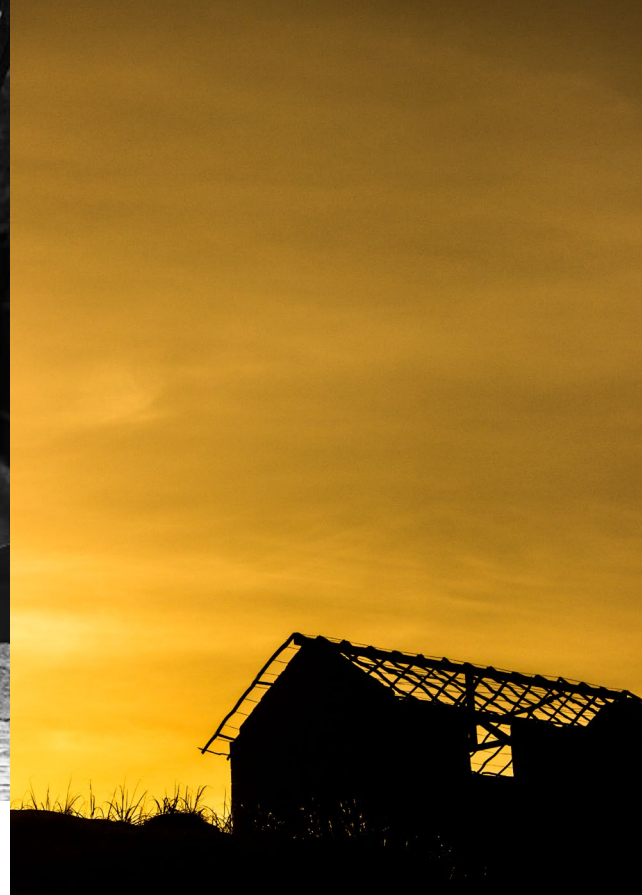
P7

Julia Fonseca

Especial

● P18

Karine Garcêz



Iury Figueiredo

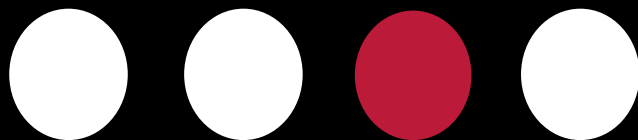
P4

Elias Rodrigues

P14



ÍNDICE



EXPOSIÇÃO
MOSTRA CARIOCA



Opinião

● P9

● P10

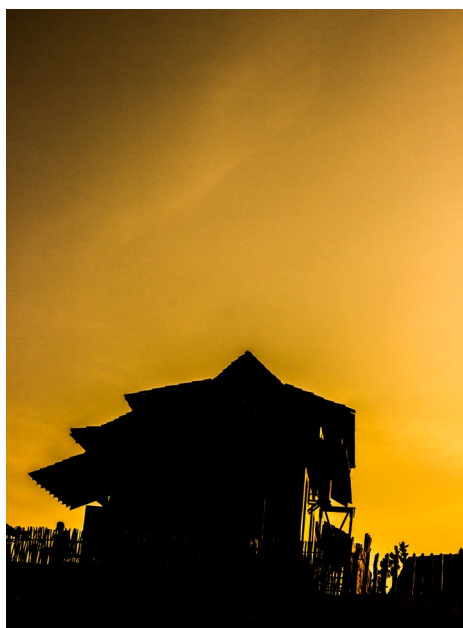


CONSTRUÇÃO

IURY FIGUEIREDO

Construção é um ensaio sobre o mundo particular, sobre cercas, sobre o que é meu, sobre pedra e pau, na terra mais ensolarada do país, no Ceará.”





Há anos os homens seguem desvendando aquilo que se tornou a base da sociedade atual: o mundo privado. Há anos estamos delimitando espaços e dizendo ao mundo onde os direitos começam e onde eles terminam. Compramos terrenos, tomamos terras, construímos cercas, muros e fronteiras. Fazemos quartos, cozinhas, salas, banheiros. e dizemos que aqueles lugares são nossos, mudamos os móveis, as posições, mostramos o nosso poder perante o privado.

Disse Isaac Newton: “ Construímos muitos muros e poucas pontes!” Esta é uma afirmação atemporal pela verdade que até hoje encerra...E muros há por toda parte, em nossas casas, no ambiente de trabalho, nos partidos políticos, nas religiões, nas fronteiras armadas dos países e, o pior deles, pois que de material por vezes indestrutível: os muros invisíveis que construímos ao redor de nós mesmos.



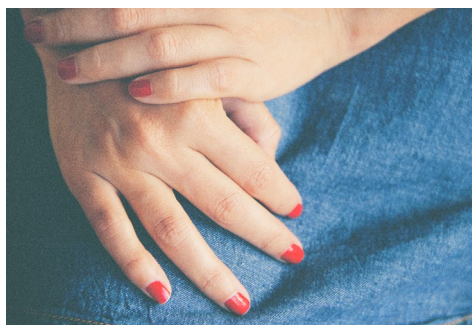




PARTES DO PORTO

JULIA FONSECA

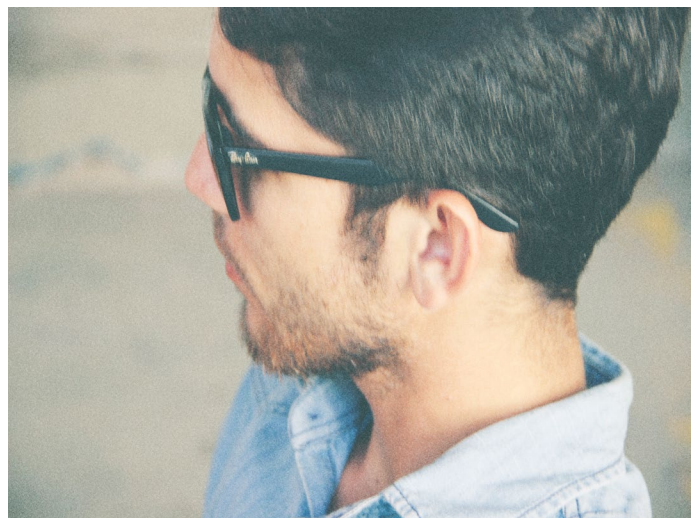
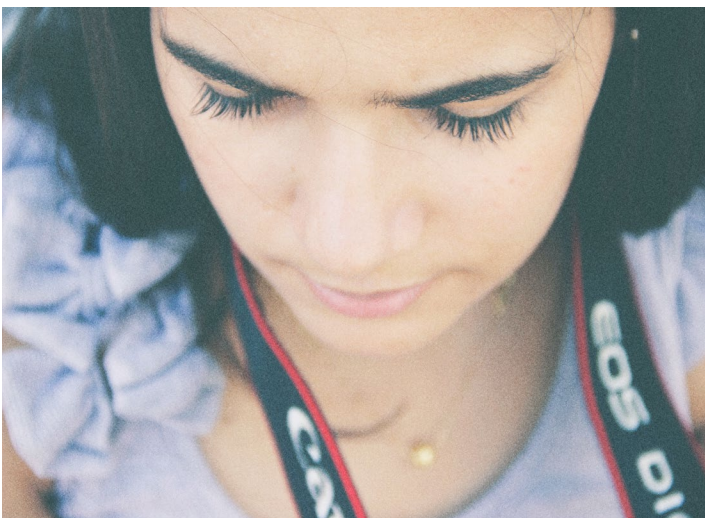
Queria mostrar o Porto Iracema das Artes e a melhor forma que achei, foi realiza-lo na instituição, representa-lo pelas pessoas, pois elas formam a escola. Diferente de só fotografar a pessoa inteira, quis me aproximar, mostrar detalhes que talvez passem despercebidos, ou só coloca-las em um novo ângulo, sob uma nova perspectiva.



Tentei deixar acessível, como um registro, foi isso que eu tentei construir durante o ensaio, observá-los, chegar um pouco mais perto, uma busca além das palavras.



Tentei fazer um 'jogo' de mostrar e não mostrar. Quem são aquelas elas? Acho que conheço essa pelo cabelo, ou conheço porque mostrou o rosto, mas de qualquer forma elas são aquilo que aparentam? Elas gostam de se vestirem daquele jeito? É a forma como elas se representam, como se sentem, como são? O que elas estão pensando no momento? Quais são os seus sonhos? Eles foram realizados? Esses são alguns dos questionamentos ou afirmações que quero que venham à tona, são por pequenos detalhes que nos definimos, seja isso desejado ou não.





**Flávio Barroso Soares,
Fotógrafo**

“ A fotografia veio redefinir várias artes, como a da pintura e a se redesenhar como arte, pois a máquina fotográfica registra o olhar do fotógrafo, mas com todas as idiosincrasias do processo de geração de imagens (por exemplo, vinhagem, sensibilidade a cores alterada, intervalo dinâmico menor, etc.). Por um lado a arte libertou-se do registro da imagem, e passou a representar muito mais a percepção do pintor, e a fotografia seguiu pelo mesmo caminho, tanto com fotos que representam um momento, a foto do instantâneo, como fotos que chegam a ser abstratas pela estranheza do olhar do fotógrafo, que encontra o inusitado e o irreconhecível dentro daquilo que todos conhecemos.



**Maria Marta de Souza,
Professora de audiovisual**

“ Nas minhas aulas gosto de destacar a fotografia como uma evolução técnica da câmara escura, muito utilizada pelos artistas no século XVII. Também é importante destacar um dos papéis da arte, que por muito tempo, foi utilizada como um instrumento de registro, afinal muitas iconografias nos chegam permitindo a pesquisa histórica; quando este é o mote, falo de como o olhar do artista pode influenciar o registro. A fotografia, surgiria então, inicialmente com o propósito de documentar, registrar pessoas, acontecimentos e causa uma revolução na arte até que ela também passe por novas interpretações possibilitando sua exploração artística e tecnológica.

Mostra Carioca

Esculturas, instalações, pinturas, desenhos e fotografias revelam a inspiração de artistas na “cidade maravilhosa”

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura abriga, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, a “Mostra Carioca: a impureza como mito”, que reúne cerca de 50 obras de artistas que têm o Rio de Janeiro como inspiração de seus trabalhos, em obras pertencentes às coleções do MAM Rio, incluindo as coleções de Gilberto Chateaubriand e Joaquim Paiva, que estão no Museu carioca em regime de comodato.

A exposição segue até 30 de novembro de 2014, com obras de Iole de Freitas, Raymundo Colares, Antonio Manuel, Hélio Oiticica, Ione Saldanha, Lygia Clark, Adriana Varejão, José Damasceno, Gustavo Speridião, Cabelo, Paula Trope e Marcos Cardoso. Em diferentes técnicas e suportes, como esculturas, instalações, pinturas, desenhos e fotografias, os artistas revelam relação afetiva com a “cidade maravilhosa”. Farão parte da mostra obras emblemáticas, como dois “Metaesquemas”, de 1957, e cinco “Parangolés”, de Hélio Oiticica. Destes últimos, serão apresentadas cópias de exibição, que o público poderá vestir. Também fará parte da mostra a obra “Bicho”, de Lygia Clark, de 1960, feita em alumínio.

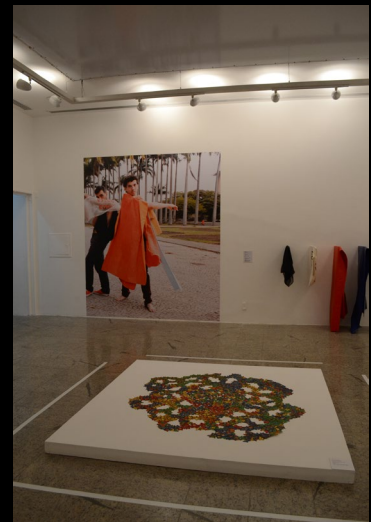
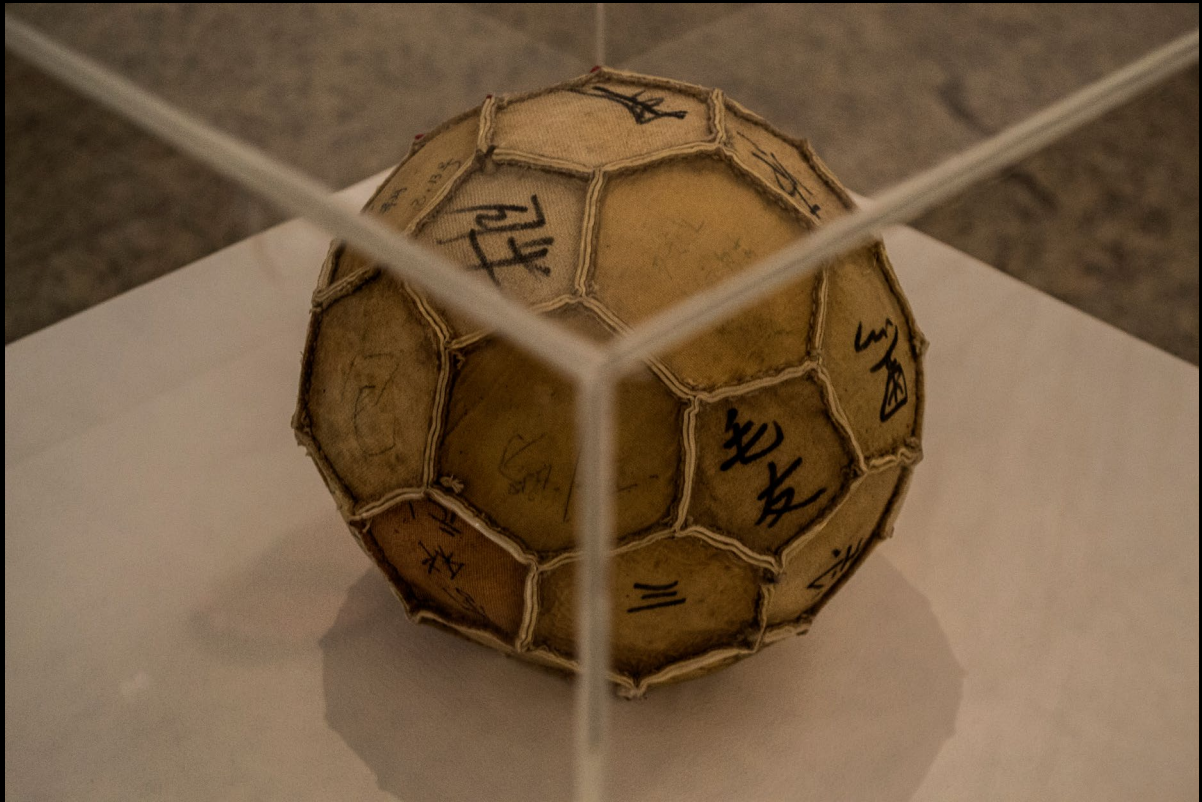
Originária no MAM em 2012, a mostra foi apresentada no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, em Belém e integra a nova área de Circulação de Exposições da seleção pública do programa Petrobras Cultural.

Luiz Camillo Osorio e Marta Mestre, curadores do MAM Rio, observam que “a mostra não pretende ‘tematizar’ o Rio, mas revelar o quanto a cidade foi e permanece sendo um espaço ao mesmo tempo caótico e criativo que alimentou uma vontade de arte que combina improvisação e rigor”. “Do final do modernismo, passando pelo concretismo, pelo neoconcretismo, pela pop e pelo conceitualismo, e chegando ao momento contemporâneo, a exposição uma espécie de ‘espírito carioca’ perpassou – consciente ou inconscientemente – a criação artística local, potencializando sua articulação e penetração global”, afirmam os curadores.

As obras mais recentes são as serigrafias sobre tecido “Cangaço/Xô choque” e “Cangaço/todo poder à praia!”, feitas em 2013 pelo coletivo Opavivará (Rio de Ja-



neiro, 2005). Outros trabalhos atuais são as fotografias da série “Objetos para tapar o sol de seus olhos”, de Paulo Nazareth, de 2011.



“Os trabalhos foram escolhidos pela sua capacidade de propor imagens reconfiguradas do Rio de Janeiro e da sua vida urbana enquanto espaço de experiência cultural”, ressaltam os curadores.

Na mostra, alguns trabalhos são acompanhados de audioguia com informações complementares sobre a trajetória do artista e sobre a obra.

SERVIÇO

Mostra Carioca: a impureza como mito

Abertura: 8 de outubro 2014, às 19h

Encerramento: 30 de novembro de 2014

Visitações: de terça a sexta, das 9h às 19h (acesso até às 18h30), Sábado, domingo e feriado, das 14h às 21h (acesso até às 20h30).

Acesso gratuito

Alvo de uma série de músicas, filmes e milhões de fotografias de turistas, habitantes e profissionais, o Rio de Janeiro (RJ) é centro da Mostra Carioca: A Impureza como Mito. A exposição entra em cartaz no Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC), no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, e conta com mais de 50 obras de 31 diferentes artistas

NESSA ESQUINA UM HOMEM FOI MORTO POR AMOR UM D

Curadoria
Luiz Camillo Osorio

Esta mostra não pretende “tematizar” o Rio, mas revelar o quanto a cidade foi e permanece sendo um espaço ao mesmo tempo caótico e criativo que alimentou uma vontade de arte que combina improvisação e rigor.

Do final do modernismo, passando pelo concretismo, pelo neoconcretismo, pela pop e pelo conceitualismo, e chegando ao momento contemporâneo, uma espécie de “espírito carioca” se deixou insinuar.

Este “espírito” se bifurca, depois do advento da abstração, entre o gesto informal e a estrutura geométrica, a percepção de ritmos gráficos e simbólicos, que se deixam conduzir pelo

lirismo interior, e uma via na qual o fazer do corpo (a mão do artista, o olhar do espectador) quer se dobrar em uma espécie de pulsação do espírito.

A cidade está, obviamente, presente neste recorte. Muitas das imagens que aqui se apresentam dão a ver o espaço da sociabilidade carioca a contrapelo do clichê da “cidade maravilhosa”. Fazem-nos perceber a “Cidade Partida” de Zuenir Ventura, entre o morro e o asfalto, entre o gesto informal e a estrutura geométrica, onde atritos e afetos se complementam e as identidades permanecem em trânsito.

Desta forma, os trabalhos foram escolhidos pela sua

capacidade de propor imagens reconfiguradas do Rio de Janeiro e da sua vida urbana enquanto espaço de experiência cultural.

O sentido desterritorializado do espírito carioca em que o local e o global alimentam-se de desafios e inquietações comuns permitiu, com naturalidade, incorporar trabalhos do acervo do Museu das Onze Janelas, e fortalecer esta parceria institucional. Seguidamente a exposição viajará para o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Fortaleza), no âmbito da itinerância Petrobras Cultural 2012.





No Cemitério Monumental de Milão encontram-se sepultadas as seguintes personalidades:

Alberto Ascari (1918-1955), piloto de Fórmula 1

Antonio Ascari (1888-1925), automobilista

Ernesto Bazzaro (1859 - 1937), escultor

Luca Beltrami (1854-1933), arquiteto

Arrigo Boito (1842-1918), compositor

Gino Bramieri (1928-1996), comediante e ator

Carlo Cattaneo (1801-1869), filósofo

Alfredo Catalani (1854-1893), compositor

Walter Chiari (1924-1991), ator

Franco Corelli (1921-2003), tenor de ópera

Eva Duarte de Perón (1919-1952), atriz e líder política argentina; seu corpo foi roubado e enterrado secretamente no Cemitério Monumental de Milão em 1955, ali permanecendo até 1971

Filippo Filippi (1830-1887), jornalista e crítico musical

Giorgio Gaber (1939-2003), cantor, compositor e comediante



As fotos tem uma ligação muito forte com a morte, e porque não com a vida, já que fotos também são utilizadas para retratar e eternizar momentos. Essas fotos foram feitas no Cemitério Monumental de Milão – Itália. Queria retratar a arte que existe em torno da morte, através das imagens e túmulos existentes. Acho que cada imagem fala por si, então, que você desfrute e entenda cada uma delas da melhor forma.

O Cemitério Monumental de Milão é um dos dois grandes cemitérios da cidade italiana de Milão, tendo sido projetado pelo arquiteto Carlo Maciachini (1818-1899). Inaugurado em 1866, é conhecido localmente por possuir muitas obras de arte ornamentando os jazigos das personalidades italianas ali sepultadas. No seu interior encontra-se o Civico Mausoleo Palanti, mausoléu dedicado às mais ilustres personalidades de Milão.





LUZ EM MIM

K a r i n e G a r c ê z

Muito tem sido dito contra a posição da mulher no Islam por parte dos não-Muçulmanos preconceituosos e fanáticos. Como consequência, o Islam tem sido, impiedosa e perpetuamente, objeto de ataques violentos, baseados em falsas suposições e fatos distorcidos acerca da real posição da mulher nesta Religião.

O Ocidente conhece o Islam há mais de 13 séculos. No entanto, esse conhecimento foi adquirido de uma forma negativa como um inimigo e uma ameaça. Por isso, não é de forma alguma surpreendente que no Ocidente o Islam tenha sido descrito como uma religião hostil, tirânica e violenta. Da mesma forma a própria Cultura Islâmica tem sido narrada com cores sombrias e tristes.





“Ó humanos, temei a vosso Senhor, que vos criou de um só ser, do qual criou a sua companheira e, de ambos, fez descender inumeráveis homens e mulheres. Temei a Deus, em nome do Qual exigis os vossos direitos mútuos e reverenciais os laços de parentesco, porque Deus é vosso Observador.” (Alcorão Sagrado 4:1)



Baseado nessas citações tomei-me a pensar se somos tão diferentes assim na sociedade, como poderia visualizar essa diferença que tanto colocam entre nós. Comecei então a fotografar muçulmanas nas ruas da maneira que elas se sentiam bem, como elas sentiam-se em meio ao sociedade, caminhando em um parque ou estudando. para minha surpresa todas queriam esta ali com a busca do conhecimento religioso, observei que elas sempre tem um Alcorão - Um dos Livros sagrado do Islam, para elas é a força, o encontro.



A foto da moça com o Alcorão foi no parque da Independência em São Paulo, ela declarou: A imensidão desses jardins me leva a reflexão, me faz observar o nosso meio. É preciso aproveitar mais da minha cidade, das pessoas que convivo, me inserir mais e fazê-las me conhecer mais também.



O mais importante não será o final, mas quem observa as participantes se conectarem, conjugarem-se no mesmo espaço com respeito, tolerância e amor ao próximo e suas escolhas, pois essa é a mensagem que todos os profetas receberam de Deus.





Revista Art in Photo

Produção e Diagramação
Filipe Pereira

Fotografia
(Mostra Carioca)
Filipe Pereira

Colaboração
lury figueiredo
Julia Fonseca
Karine Garcês
Elias Rodrigues



